

Diálogos

Diálogos - Revista do Departamento de
História e do Programa de Pós-
Graduação em História

ISSN: 1415-9945

rev-dialogos@uem.br

Universidade Estadual de Maringá
Brasil

Langer, Protasio Paulo

Nomes e significados imputados aos guarani falantes do Rio da Prata e da Cordillera
Chiriguana

Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em
História, vol. 19, núm. 3, septiembre-diciembre, 2015, pp. 1389-1423

Universidade Estadual de Maringá
Maringá, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305543302019>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Nomes e significados imputados aos guarani falantes do Rio da Prata e da *Cordillera Chiriguana**

*Protasio Paulo Langer***

Resumo. No presente trabalho buscamos captar as representações acerca de etnônimos produzidos e aplicados, aos povos guarani falantes – que no século XVI, estavam situados tanto nas margens do Rio da Prata e de seus afluentes, quanto no Chaco Boreal e no pé da cordilheira andina – por duas frentes de conquista: uma com sede em Assunção e outra proveniente do Peru (Cusco e Charcas). A proposta é estabelecer um diálogo entre história, onomástica e representações no intuito de perceber como os guarani falantes foram entulhados de significados que ajudam a entender, por um lado, o status humano desses grupos aos olhos dos “outros” – espanhóis, incas etc. – e, por outro, as peculiaridades relacionais tramadas por uma e outra frente de conquista, com os referidos grupos.

Palavras Chave: Guarani falantes; Chiriguanas; Etnônimos.

Names and meaning given to speakers of Guarani of the River Plate and the Cordillera Chiriguana

Abstract. Representations on the ethnonyms produced and applied to Guarani-speaking populations are analyzed. In the 16th century, these tribes lived on the banks of the River Plate and its affluents, in the Chaco Boreal and at the foot of the Andes and were conquered by two armies from Asunción and from Cusco and Charcas in Peru. A dialogue is maintained between history, onomastics and representations to understand how the Guarani-speaking populations were fully named to reveal their human status from the point of view of the ‘others’, such as the Spaniards and Incas. In other words, they reveal the special treatments prepared by conquering armies against these groups.

Keywords: Guarani-speaking peoples; Chiriguanas; Ethnonyms.

* Artigo recebido em 23/05/2015. Aprovado em 08/07/2015.

** Professor de História da América e de História Indígena e do Programa de Pós-Graduação em História da UFGD, Dourados/MS, Brasil. E-mail: protasiolanger@ufgd.edu.br

Nombres y significados imputados a los pueblos de habla guaraní del Río de la Plata y de la *Cordillera Chiriguana*

Resumen. En el presente trabajo buscamos captar las representaciones acerca de etnónimos producidos y aplicados a los pueblos de habla guaraní – que en el siglo XVI estaban situados en las márgenes del Río de la Plata y de sus afluentes, así como en el Chaco Boreal y al pie de la cordillera andina – conquistados a partir de dos frentes: una proveniente de Asunción y la otra del Perú (Cuzco y Charcas). La propuesta es establecer un diálogo entre historia, onomástica y representaciones, con la intención de percibir cómo los hablantes guaraníes fueron el blanco de numerosos significados que ayudan a entender, por un lado, el status humano de dichos grupos bajo la mirada de los “otros” – españoles, incas, etc. – y, por el otro, las peculiaridades relacionales tramada por ambos frentes de conquista con los referidos grupos.

Palabras Clave: Hablantes Guaraníes; Chiriguanos; Etnónimos.

Introdução

Nas primeiras décadas do século XVI os conquistadores espanhóis perceberam que grupos indígenas guarani falantes andavam “derramados” por vastas terras e que senhoreavam grande parte das Índias (RAMÍREZ, [1528], 2007 p. 51). Desde o litoral sul do Brasil margeando o Rio da Prata e seus afluentes, cruzando o Chaco Setentrional até o pé da cordilheira andina a presença efetiva, embora intermitente, de povos guarani falantes foi intensamente registrada pelas fontes quinhentistas relativas a esses vastos territórios. O fator linguístico foi, desde logo, um importante critério que permitia, aos conquistadores, classificar numerosas e dissímeis parcialidades étnicas como sendo da mesma *generación*. Embora as experiências de contato e as relações coloniais estabelecidas entre frentes de conquista hispânica e guarani falantes, das diversas regiões, tenham sido díspares sob múltiplos aspectos históricos e antropológicos, na opinião unânime das fontes coetâneas, a relativa unidade linguística demonstrava um íntimo parentesco entre as parcialidades de fala guarani.

As grandes áreas de ocupação guarani foram conquistadas ou contatadas pelos espanhóis ainda na primeira metade do século XVI por duas grandes frentes – ou dois grandes arcos de conquista e expansão, como propôs Elliott (1998, p.158). Uma delas, a partir do litoral atlântico, adentrou o Rio da Prata e, em 1537, fundou a cidade de Assunção sobre uma “aliança” hispano-guarani. Este estabelecimento amparou, material e demograficamente, as inúmeras expedições que, em busca de metais preciosos, alcançaram o alto Rio Paraguai, cruzaram o Chaco até atingirem os contrafortes andinos. A outra frente, pelo litoral do Oceano Pacífico, conquistou Cuzco e, gradativamente, se achegou aos confins orientais do império inca onde, desde tempos pré-hispânicos, grupos de fala guarani afrontavam os súditos fronteiriços e os exércitos do imperador andino.

Para a frente platina/assuncenha, os guarani falantes constituíam um vasto contingente humano propício aos interesses coloniais espanhóis pela considerável capacidade de produção de víveres e de provimento de mão-de-obra em geral, tanto para o estabelecimento de novos vilarejos quanto para as longas incursões em busca das minas ricas. Já os espanhóis do Peru, que conquistaram a impressionante civilização inca, ao se aproximarem da fronteira oriental daquele império, percebiam os guarani falantes, que impregnavam aqueles confins, como hostes bárbaras, recalcitrantes à vida civilizada e sumamente inferiores em relação aos povos do altiplano. Por volta de 1549 esses dois grandes arcos (platino/paraguaio e andino/peruano) da conquista espanhola na América do Sul se defrontam na *Cordillera Chiriguana*.¹

¹ A *Cordillera Chiriguana* era um “vasto território de unos 100.000 Km² ocupado por los Chiriguano y que formaba una unidad geográfica entre la fisiografía de piedemonte y subandino. Era un territorio desconocido y marginal, llamado por los cronistas jesuitas ‘Mediterráneo de la América Austral’” (PIFARRÉ, 1989, p.37). No período colonial situava-se no entremeio da rica província de Charcas, nos Andes e Santa Cruz de la Sierra, no Chaco. O território outrora conhecido como *Cordillera chiriguana* está, atualmente, dividido em três departamentos bolivianos: Santa Cruz (província Cordillera), Chuquisaca e Tarija.

O intento do presente trabalho é captar as representações inerentes a alguns etnônimos produzidos e aplicados aos guarani falantes da região platina e da *Cordillera Chiriguana*, por um e outro arco de conquista. Além da análise das fontes primárias do período colonial interessa-nos evocar alguns estudos de historiadores que perseguiram indícios históricos e linguísticos, tanto para desconstruir significados coloniais, geralmente preconceituosos e pejorativos, quanto para propor novas possibilidades semânticas para os mesmos etnônimos.

Antes de seguirmos vale destacar a proposição de Viveiros de Castro: “a objetivação etnonímica incide primordialmente sobre os outros, não sobre quem está em posição de sujeito. Os etnônimos são nomes de terceiros, pertencem à categoria do ‘eles’, não à categoria do ‘nós’”. Com efeito, o foco desse artigo não são as autodesignações; aqueles nomes que via de regras são traduzidos por “ser humano”, “gente” e seus intensificadores, “de verdade” e “realmente” (VIVEIROS DE CASTRO, 1996, p.126). Em resumo, a ideia é tecer um diálogo entre história, onomástica e representações no intuito de perceber como os guarani falantes foram entulhados de significados que ajudam a entender tanto o status humano desses grupos aos olhos dos “outros” – espanhóis, incas etc. – quanto as peculiaridades relacionais tramadas por uma e outra frente de conquista.

As fontes coloniais disponíveis, compostas de diversos gêneros literários – crônicas, poemas, relatórios e memoriais – permitem captar os sentidos atribuídos aos guarani falantes por meio de dois tipos de discurso definidor: um deles define o significado inerente ao etnônimo, ou seja, pela decomposição etimológica declara o “sentido exato” do nome; o outro, evoca supostos traços e adjetivos intrínsecos ao grupo nomeado. Portanto, o estudo dos etnônimos em questão permite perceber as categorias de pensamento, os sistemas classificatórios, enfim, o universo representacional e simbólico colonial

cristão cuja única perspectiva, em relação aos povos nativos, era a submissão a programas de redução político\civilizacional.

Todorov apresentou com propriedade as relações de poder e as conseqüências inerentes ao ato de nomear. Colombo nomeava e, mesmo sabendo o nome indígena, renomeava acidentes geográficos, localidades, povos e pessoas com nomes “adequados”; capazes de expressar aquilo que as “coisas” realmente são. E foi assim que o almirante cunhou o etnônimo *índios* com o qual designou todos os povos do continente que ele supunha ser a Índia. Ao analisar a atitude intelectual de Colombo no ato de atribuir nomes, Todorov ensina que – ao contrário do que o almirante pensava – os nomes dizem mais sobre quem os atribui do que sobre os seres nomeados. Por outro lado, esse exemplo explicita o quanto os nomes estão suscetíveis a incorporações e ressignificações que podem partir tanto das entidades nomeadas quanto de quem as nomeou.

No paradigma intelectual/científico moderno, interpretar ou “decifrar” os significados ocultos nos étimos tem se revelado, simultaneamente um desvendamento e um exercício de construção e atribuição de sentidos. Tal como Colombo declarava os sentidos inerentes aos nomes, a começar pelo seu próprio (TODOROV, 1996, p.26-27), outros conquistadores asseveravam significados pautados em antigas representações lapidadas pelo imaginário colonial. O leque de nomes atribuídos aos guarani falantes, se situa nessa linha do pensamento colonial.

De certo modo, o presente trabalho se aproxima e corrobora as observações de Eni P. Orlandi, sobre o ato de nomear, exercido pelos conquistadores/colonizadores. Para a autora essa atividade ocupa o “núcleo da atenção e os esforços de documentação dos europeus, face ao índio [...]. Para os europeus dessa época, ‘conhecer’ é ‘saber os nomes’, é dar os nomes, é nomear” (ORLANDI, 1990, p. 90).

1 Etnônimos de origem platina

A começar pelo nome que denomina toda uma família lingüística, guarani tornou-se um termo usual a partir da expedição de Sebastian Caboto que, em 1526, explorava o estuário do Rio da Prata. Provavelmente o primeiro a grafar uma das variantes desse nome foi Luís Ramíres que, em correspondência ao seu pai, em 1528, em dois momentos se refere aos *guarenís*. Na citação a seguir observa-se que naquele ano os espanhóis já tinham ricas informações sobre a abrangência dos territórios que esses *guarenís* ocupavam. Embora não afirme claramente, pode estar subentendido que, Ramírez sabia que aqueles que habitavam a *sierra* (*Cordillera Chiriguana*) eram também *guarenís*. Se essa não é a interpretação adequada, é certo que Ramírez sabia que esta *generación* confinava com a cordilheira:

Aquí con nosotros está otra generación que son nuestros amigos, los cuales **se llaman guarenís** y por otro nonbre chandris. Estos andan derramados por ésta tierra y por otras muchas, como corsarios, a causa de ser enemigos de todas éstas otras naciones y de otras muchas que adelante diré. [...]. Estos señorean gran parte de ésta India y confinan con los que **habitan en la sierra** [grifos nossos]. Estos traen mucho metal de oro y plata en muchas planchas y orejeras y en achas, con que cortan la montaña para senbrar (RAMÍREZ, [1528], 2007 p. 51).

Em poucos anos *guarani* tornou-se um filtro que em meio à “babel” étnica e lingüística do Paraguai quinhentista discriminava aqueles que falavam um idioma e apresentavam sistemas sócio-econômicos e simbólicos semelhantes. Nas palavras de Noelli, o termo passou a referir diversos grupos que “tinham em comum a língua, a cultura material, as tecnologias, as formas de subsistência, os padrões de assentamento e adaptativos, a organização sócio-política, a religião e os mitos. Entre eles havia, contudo, variações dialetais, de adaptabilidade e de etnicidade” (NOELLI, 2005, p. 126).

Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdés, que nunca esteve no Rio da Prata, mas contava com inúmeros informantes, foi, provavelmente, quem

primeiro propôs uma explicação para o nome Guarani. Para ele, a origem estaria numa arma até então desconhecida pelos espanhóis:

Tengo averiguado con muchos testigos de vista, que ciertos indios que en el Rio de la Plata se llaman los guaranias usan cierta arma, y no todos los indios son hábiles para ella sino los que he nombrado: ni se sabe si este nombre guarania es del hombre ó de la misma arma, la qual exercitan en la caça, para matar los venados, y con la misma mataban á los españoles, y es desta forma. Toman una pelota redonda de un guijarro pelado, tamaño como el puño, é aquella piedra átanla una cuerda [...] (FERNANDEZ DE OVIEDO Y VALDÉS, [1535], 1855, Libro V, p. 225).

Essa arma descrita por Oviedo – conhecida até hoje nos pampas platinos como boleadora ou boleadeira – também foi descrita por Luís Ramíres. Este, porém, não indica como tal arma se denomina e tampouco diz que os índios que a usavam eram *guarenies*, e sim, *quirandies*: “Estos quirandies [...] pelean con arcos y flechas y con unas pelotas de piedra redondas como una pelota y tan grandes como el puño, con una cuerda atada que la guía los cuales tiran tan certeros que no hierran a cosa que tiran” (RAMÍREZ, [1528], 2007, p. 50).

Isso significa que em 1535, quando a primeira parte da sua monumental crônica foi publicada, Oviedo estava a par das expedições ao Rio da Prata, mas seus informantes foram menos assertivos que Ramíres. No mesmo ano de 1535 os espanhóis do Rio da Prata continuavam sendo castigados com aquelas bolas de pedra. Ulrich Schmídel, que participou da expedição de Pedro de Mendoza ao Rio da Prata, diz ter lutado contra os *carendies* que além das armas convencionais (arco, flechas, lança) também usavam “unas bolas de piedra aseguradas a un cordel largo; son del tamaño de las balas de plomo que usamos en Alemania. Con estas bolas enredan las patas del caballo o del venado [...]. Fue también con estas bolas que mataron a nuestro capitán y a los hidalgos” (SCHMÍDEL, [1567], 1903 p.150.).

A partir da década de 1570 outros escritores falam sobre o significado da palavra guarani. Juan López de Velasco, cosmógrafo e cronista oficial de Felipe II, ao falar dos povos do Rio da Prata, afirmava que: “los otros son los indios labradores *guaraníes*, que quiere decir *guerreros*, porque van muy lejos de su tierra a guerrear” (LÓPEZ DE VELASCO, [1574]1894, p.555). Como se vê, o autor não faz uma análise dos étimos, mas apenas afirma e atribui um significado. Não sabemos quem inaugurou essa analogia, mas, o certo é que ela foi corroborada em diversos textos literários e administrativos. O poeta e clérigo Martín del Barco Centenera, que na década de 1570 participou de expedições no Rio da Prata, e em seguida atuou em Cochabamba e Chuquisaca, em seu célebre poema, *La Argentina o La conquista del Río de la Plata*, canta, com os versos a seguir, a origem dos Guarani e o significado desse nome:

Muy largos tiempos y años se gastaron,
y muchos descendientes sucedieron
desde que los hermanos se apartaron.
De Tupí en el Brasil permanecieron
Tupíes, y destotros que pasaron
Guaraníes se nombran, y así fueron
guerreros siempre aquestos en la tierra
que el nombre suena tanto como guerra
(BARCO CENTENERA [1602], 2002. Canto primeiro, Versos 217-224).

Numa nota explicativa à margem desses versos, o poeta sugere uma nova analogia semântica: “*Guaraní* significa una mosca muy importuna que hay en aquella tierra, a la manera del tábano, que chupa la sangre, y por serles tan importuna la guerra a los indios la llaman del nombre de esta mosca”. A palavra guarani significaria guerra, e um inseto hemofágico, tão inconveniente quanto, teria recebido esse nome por analogia. De todas essas formulações nenhuma foi proposta por conquistadores que atuaram *in loco* entre os guarani falantes nas primeiras décadas da conquista. Além do mais, o respaldo linguístico é duvidoso; ou melhor, os autores não arrolam dados etimológicos.

Embora haja uma certa unanimidade sobre o *ethos* guerreiro conquistador, dos guarani e tupi falantes do período pré-colonial e colonial², na língua guarani essa interpretação foi colocada sob suspeição. Os elementos para defender essa proposição não permitem vislumbrar uma relação semântica entre guarani e guerra, guerreiro e muito menos “boleadeira”. O *Vocabulário de Montoya* registra 4 palavras para o verbete Guerra e a que foneticamente mais se assemelha é *guariniĩ*. Para o verbete guerreiro a palavra que mais se aproxima é *guariniĩhára* (MONTTOYA, [1640], 2002).

Embora o foco central deste estudo sejam as fontes coloniais convém explanar, sucintamente, a atitude e as proposições dos historiadores (no sentido lato e atual) diante dos etnônimos. Suas análises marcam posição diante das fontes e incrementam, com novos aportes, os estudos histórico-linguísticos. O Pedro de Angelis – que no século XIX compilou uma rica coleção de documentos sobre o Rio da Prata, editou e compôs um *Índice Geográfico e Histórico* para a *Argentina*, de Ruy Diaz de Gusmán – também diverge do viés interpretativo que associa *guarani* à guerra. O autor não justifica porque rejeita esse significado; simplesmente afirma que prefere outro:

Casi todos los que han investigado la etimología del nombre *Guarani*, lo han mirado como una corrupción de la palabra *guarini*, que en este idioma significa “guerra”. Pero nosotros preferimos la siguiente interpretación: *Gua*, pintura; *ra*, manchado; *ni*, señal del plural: *Guarani*, “los manchados de pintura, o los que se pintan”; aludiendo a la acostumbre de estos pueblos de pintarse el cuerpo (DE ANGELIS, 1836, p. XLII).

Ao ser inquirido sobre o significado dos étimos que compõem essa palavra, Bartomeu Melià – que seguramente é uma das principais autoridades vivas em Língua e História Guarani – revelou:

² O *ethos* guerreiro dos povos filiados à família linguística tupi-guarani é quase um consenso tanto entre os cronistas coloniais quanto entre os guaraniólogos e tupinólogos atuais. Sobre esse tema há uma copiosa bibliografia na qual se destacam: (SUSNIK, 1965; FERNANDES, 1970; VIVEIROS DE CASTRO, 1986; CLASTRES, [1980] 2004).

Nunca he sabido lo que significa guaraní, pero por analogía con guarajú, que serían la gente, la parcialidad áurea o perfecta, la partícula **ni**, indicaría pluralidad, los de aquí, pero tal vez un grado de intensidad y autenticidad: la gente auténtica. Hay que estudiarlo un poco más a fondo.³

Outro etnônimo frequentemente aplicado aos mesmos grupos, era Cario (Carijó, Caryo). Como observa Combès (2010, p.86), a partir de meados do século XVI Carió tornou-se sinônimo de Guarani e, do mesmo modo, abrangente que referia tanto os grupos do litoral sul do Brasil (Carijós), quanto os da cordilheira andina - *Carios de la sierra* (IRALA, [1555], 1903). Qual seria o significado etimológico desse nome? Para Melià esse problema se apresenta mais difícil que o anterior de modo que apenas arrisca discretas conjecturas: “Para los Cario es todavía más difícil. En todo Montoya no encuentro un **cari**, y lo que más se acerca es **carai** + **o(ga)**: la casa del hechicero o del chamán. ¿Qué etimología se suele dar de Carijó? Por ahí se podría vislumbrar algo” (MELIÀ, 1 dez. 2010).

Pedro de Ángelis entende que o sentido se revela quando a palavra é tomada nos seguintes termos:

Esta voz *Cario* se compone de *ca*, que es avispa, y de *rio*, o más bien *rea*, que es campero, silvestre, o que vive en el campo: es decir, gente arisca como las abejas silvestres; con las que pudo también haberseles comparado por el agujón que traían pendiente de sus labios, a modo de avispas. Probablemente los españoles creyeran que, tratándose de nación, debían dar a este nombre la terminación masculina, y de careas hicieron *careos*, y *carios* (DE ANGELIS, 1836 p. XVI).

O *Vocabulário* de Montoya confirma que *ka* é vespa. Quanto ao segundo termo, não consegui confirmá-lo nos dicionários. De qualquer modo, a vespa não é um inseto domesticado, ou seja, é sempre silvestre. Vale destacar

³ Entrevista dada por Melià, 1º de dezembro de 2010. Para Susnik (1983, p. 32) *guará* é “um conceito socio-político que determina una cierta región bien definida, delimitada generalmente por ríos. También no vocabulário de Montoya, região é traduzido por *guára*. O sufixo *ni* segue sem uma tradução convincente”.

que esta é segunda ocorrência em que a imagem de um inseto agressivo é usada para metaforizar os guarani. Essa interpretação tem o mérito de trabalhar com a língua guarani e valorizar elementos da cultura material para compor uma explicação (o tembetá é comparado ao ferrão). As fontes históricas, todavia, não corroboram essa explicação.

Há que se considerar que, por se tratar de uma denominação referente a grupos guarani falantes, os pesquisadores tendem a buscar os significados nessa mesma família lingüística. Todavia, não seria absurdo supor que tanto *guarani* quanto *cario* derivem de nomes atribuídos por povos circunvizinhos, de outras famílias lingüísticas e que os guarani falantes tenham, enfim, submetido essas denominações a novas formas fonéticas e semânticas. Isso tornaria a tarefa, de desentranhar os significados, ainda mais complexa e, talvez, inatingível.

Guarani e *Cario* eram os nomes próprios mais costumeiramente aplicados aos guarani-falantes do Rio da Prata, pelos espanhóis conquistadores. As diversas parcialidades étnicas filiadas a essa família lingüística iam sendo nomeadas, geralmente, com topônimos relativos ao *guará* (região) que habitavam (Itatim=itatines; Guairá=guairáes). Desde as primeiras incursões espanholas *Rio* [Paraguay] *arriba* ou *tierra adentro*, qualquer grupo guarani falante é distinguido com essa informação que, muitas vezes, é agregada ao próprio nome, como ocorre com, *Guarani-Itatines* ou *Carios de la Sierra*.

Quando a ausência de dados lingüísticos inviabiliza uma asserção consistente, do ponto de vista etno-histórico, alguns escritores partem para interpretações livres fundadas em analogias imaginárias, por vezes, bastante insólitas. Para os conquistadores procedentes do Peru, o termo *Cario* deriva de *Caribe* e o significado deste podemos ver no discurso de Lorenzo Suarez de Figueroa, governador de Santa Cruz de la Sierra na década de 1570: “El propio nombre de esta generación es **Cario**, de donde se deriva el nombre que tienen,

Caribes, que quiere decir ‘comedores de carne humana’”(SUÁREZ DE FIGUEROA, 1965, p. 404).

Evidentemente, não obstante a coincidência das duas primeiras sílabas, a analogia entre *Cario* e *Caribe* se situa mais no âmbito semântico do que no etimológico. A designação *caribe* para os guarani falantes da cordilheira é própria de autores vinculados à frente andina de conquista e começa a ser aplicada com mais frequência a partir de 1570.

De acordo com o dicionário *Houaiss*, *Caribe* é uma palavra de origem arawak que designava um povo que habitava partes das Antilhas e do litoral norte da América do Sul. Todorov mostrou que a palavra canibal surgiu em 1492, quando Colombo soube da existência de povos denominados *Caribas*. Do seu agir comunicativo com outros grupos nativos das Antilhas, soube que os *Caribas* comiam gente e tinham cabeça de cão (do espanhol *can*). Essas informações que Colombo deve ter obtido por meio de gesticulações, já que nenhuma das partes conhecia o idioma da outra parte, levaram-no a concluir que o nome correto do referido povo devia ser *Canibas*, isto é, súditos do Grande Can – imperador da China descrito por Marco Pólo (TODOROV, 1996, p.30). Afinal, o descobridor da América tinha certeza que estava na Índia, perto da China. Desses diálogos gestuais ou como sugere Todorov, desse monólogo consigo mesmo, resultou que o significado ameríndio de *Cariba* foi entulhado de significações do imaginário cristão medieval. Caribes, Caribas, Canibas, Canibalis, Canibais e outras variantes tornaram-se sinônimos de “comedores de carne humana”. Tão logo que Colombo operou essa ressemantização, a literatura e a iconografia sobre o *Novo Mundo* reproduziu intensamente imagens de *Caribes* ou *Canibais* para evidenciar essa alteridade situada no extremo oposto da europeidade.⁴

⁴ Sobre os canibais na iconografia da América quinhentista merece destaque o trabalho de CHICANGANA-BAYONA (2010).

Nos versos a seguir, Barco Centenera parte da premissa de Colombo de que os *Cario* são *Caribes* e, para significar esse termo, o poeta vai às “raízes” da palavra e encontra dois étimos: um latino, *Caro* (carne), e outro guarani, *ibi* (terra): O resultado desse elemento etimológico/semântico ficou: Caribe = Sepultura de carne humana.

Figura 1 - Canibais na iconografia da América.

Que si mirar aquéstos bien queremos
caribe dice, y suena sepultura
de carne, que en latín *caro* sabemos
que carne significa en la lectura.
Y en lengua guaraní decir podemos *ibi*,
que significa compostura
de tierra do se encierra carne humana;
caribe es esta gente tan tirana.
(Barco Centenera, Canto 1º, Versos 201-209)



Fonte: (MOCQUET, 1617, p. 159).

Essa conjectura tão extravagante, do ponto de vista linguístico, só pode ser considerada razoável pelos critérios da licitude da arte poética, de um lado, e pelo intuito de produzir ou justificar sentidos que passam a fluir no imaginário colonial sobre todos os grupos que, assim como os guarani falantes da cordillheira, representavam um desafio político à soberania ibérica. Bernand & Gruzinski confirmam esse jogo semântico e a aceção política que o nome *Caribe* adquiriu:

O termo *caribe* acabou sendo aplicado a todos os autóctones que fossem antropófagos ou que opusessem a menor resistência aos conquistadores. De denominação étnica, ele se tornou, automaticamente, legitimação do extermínio e da escravidão das populações das ilhas e das costas da América do Sul (BERNAND; GRUZINSKI, 2001, p. 600).

Um dos autores que expressa bem a abrangência desse termo, sua atribuição a diversos grupos, não só das Antilhas e costas, mas também do mediterrâneo sul-americano, é José de Acosta ao circunscrever o terceiro e mais baixo grau de bárbaros que habitam a terra.

Finalmente, a la tercera clase de bárbaros [...]. En ella entran los salvajes semejantes a fieras, que apenas tienen sentimiento humano; sin ley, sin rey, sin pactos, sin magistrados ni república, que mudan la habitación, o si la tienen fija, más se asemeja a cuevas de fieras o cercas de animales. Tales son primeramente **los que los nuestros llaman Caribes**, siempre sedientos de sangre, crueles con los extraños, que devoran carne humana, andan desnudos o cubren apenas sus vergüenzas. [...] así son los Chunchos, los **Chiriguanás**, [...] [grifos nossos] (ACOSTA, [1577]. 1954, Proemio).

Além da transformação semântica, *caribe* passou a exercer a função de outra classe gramatical; ou seja, além de substantivo próprio tornou-se adjetivo qualificativo. Na passagem a seguir, que relata uma entrada rioplatense em busca do *El dorado* ou *Paititi*, esta nova função está bem clara: “Y salio el gouernador con gente y fue atrauesando el monte y hallaron **yndios muy caribes** [grifo nosso] y tuuo grandes Reuatos con ellos y le mataron españoles y muchos yndios y de ay se boluieron” (Soleto Pernia [1636], *A.G.I. Charcas 21, ramo 1, número 2, f.51v*). Por associação aos significados de agressividade e voracidade, o termo *caribe* também foi empregado para denominar animais que notadamente manifestavam tais comportamentos: *pez caribe* = piranha (*Serrasalmus nattereri*); *hormiga caribe* = *Solenopsis geminata*.

Há que se destacar que ao longo dos mais de vinte anos de contato entre espanhóis e Carios no Rio da Prata, esse etnônimo não tinha essa carga de significados negativos, relacionados à agressividade e antropofagia. Para os espanhóis protagonistas da fundação de Assunção, que em suas longas expedições *Rio arriba* e *tierra adentro* eram acompanhados de centenas ou milhares deles, encontrar assentamentos guarani significava abundância de alimentos, notícias sobre as terras e gentes e aumento do contingente aliado dos

espanhóis.⁵ Catherine Julien (1997) destacou que antes de 1568 os guarani falantes, em geral, eram vistos de maneira oposta pelos agentes coloniais de Assunção e de Charcas. Para os assuncenhos, como Nuflo de Chavez, Jayme Rasquin e tantos outros, entre esses indígenas e os espanhóis havia vínculos de amizade e colaboração que deveriam ser preservados e, possivelmente, estendidos à Cordillera Chiriguana.⁶ Todavia, para os espanhóis procedentes do Peru os *Cario* eram *Caribes*, isto é, Chiriguanas⁷; selvagens da pior espécie, recalcitrantes à civilidade e soberania inca e, logo, hispânica.

2 Chiriguanas: um etnônimo de origem andina

Seguramente, os primeiros europeus que tiveram notícias de um grupo denominado Chiriguanas foram os espanhóis que conquistaram o império inca. Nas primeiras décadas 1530-1550 esse nome foi mencionado em documentos relativos à expedição de Almagro ao Chile (1534-45) e por cronistas como Cieza de León (1553). Nessas décadas, porém, ninguém inquiriu ou especulou pelo significado etimológico do termo. A partir de 1570, na medida em que esse grupo se manifestava irreduzível à sujeição colonial e enfrentou vitoriosamente o vice-rei do Peru, Francisco de Toledo, a maioria dos escritores começa a propor explicações etimológicas para esse etnônimo.

⁵ Em diversos ensaios Melià destaca a dinâmica e a fartura da economia guarani que sustentou milhares de exploradores espanhóis inertes em termos de produção agrícola. A propósito desse tema as seguintes obras são referência obrigatória: Melià (1993); Melià; Temple (2004).

⁶ Na coletânea de documentos *Desde el Oriente* [...] há diversos documentos que manifestam uma expectativa positiva dos conquistadores rio-platenses em relação aos Guarani do Paraguai e da Cordillera. A *Relación de los casos en que el capitán Nufrio de Chaves* [...] e a *Petición de Jayme de Rasquin* [1557] e a [...] de 1561 são emblemáticos a esse respeito (JULIEN, 2008, p. 41-43; 67). Esses mesmos documentos são interessante também porque assinalam o momento em que os conquistadores da frente paraguaia passam a fazer um aposto explicativo para usar, além dos etnônimos rio-platenses – guaranis e carios – a designação corrente na frente andina: “[...] yndios que en la prouincia del Peru los llaman chiliguanas y en nuestra prouincia lós llaman guaranis” (RASQUIM apud JULIEN, 2008, p. 41). “[...] los carios, que por otro nombre se llaman chiriguanaes [...] (Relación de [...] Nufrio de Chaves apud JULIEN, 2008, p. 66).

⁷ Esse substantivo foi grafado de diversas formas: até o presente momento identificamos as seguintes: *Chiriguanaes*, *Chiriguanas*, *Chiriguanás*, *Chiribuanas*, *Chiriguanos*, *Chiliguanaes* e *Cherigoanaes*.

Qual seria, afinal, a etimologia e a semântica desse vocábulo para os conquistadores espanhóis da frente andina? Desde logo, adiantamos que as versões são tantas que não pretendemos ser exaustivos, e tampouco daremos a mesma ênfase a umas e outras. O que interessa mesmo é observar, por um lado, como as explicações etimológicas da literatura colonial buscam instituir e fixar sentidos e, por outro, como os pesquisadores, instigados pela semântica e linguística, especulam em torno de significações contextuais.

A depender das fontes coloniais mais convencionais, o substantivo *Chiriguana* seria constituído por morfemas próprios do quíchua. As versões que partem desse idioma, que são as que se tornaram hegemônicas na literatura histórica, oferecem subsídios de considerável valor histórico para a elucidação das relações entre os guarani migrantes e os súditos do Inca. Novamente Barco Centenera é uma referência indispensável:

<p>Llegaron, pues, al fin a aquel paraje do el frío les hizo guerra encarnizada, y frío <i>chiri</i> suena en el lenguaje del Inga, que es la lengua más usada; <i>guana</i> es escarmiento de tal traje. Aquesta gente iba mal parada, y el frío que tomaron, escarmiento fue para el Chiriguana y cognomento.</p>	<p><i>Llegaron pues al fin aquel paraje, Do el frío le, dio guerra muy sobrada, Y frío Chyri, suena en el lenguaje Del Inga, ques la lengua mas usada, Güana, es escarmiento de tal traje, Aquesta gente yua mal parada. Que del frío tomaron escarmiento, De ado Chiriguana es su cognomento.</i></p>
---	--

Fonte: (BARCO CENTENERA, [1602]. Canto Primeiro, Versos 240-248. Ao lado, Ed. Fac-símile de 1602).

Em nota, à margem desses versos o autor esclarece que o nome deriva de uma fala do *Gran zapainga*, que teria desdenhado o risco que os povos “bárbaros” das terras baixas e quentes representavam ao seu império. Como estes andavam sem agasalho, o frio da cordilheira haveria de castigar

aos que se vestem com o “traje” da nudez: “deixai-os, que o frio os castigará (*dejadlos, que el frío les escarmentará*)”⁸ teria dito o Inca.

Castigados pelo frio é também a explicação etimológica proposta por uma das mais intrigantes crônicas sobre as migrações guarani ao pé da cordilheira motivadas pela busca de metais. Em 1638 o Pe. Diego Felipe de Alcaya, prestou uma *Relación cierta* de uma história que ouvira do seu pai Sánchez de Alcayaga. Guacane e Condori, parentes do Inca teriam conquistado, por meios pacíficos, em troca de presente, alguns grupos lavradores que viviam nas planícies do Rio Guapay, sob a chefia de Grigotá. Barganhando com esses novos súditos teriam efetivado a exploração argéntifera do Cerro de Saypuru, na cordilheira.

Assim que as notícias da riqueza e bonança que essas partes desfrutavam chegaram aos Guarani do Paraguai, estes teriam partido em busca dessas promissoras terras. Após duas vitórias “traíçoeiras” e arrasadoras contra Guacane e Condori, o *Ynga del Cuzco enfurecido en yra con la triste nueva determinó hacer el castigo*, mas seu exército de cinco mil homens e o novo capitão *Turumayo* foram novamente aniquilados. A revanche foi empreendida por Grigotá, súdito local, leal aos capitães incas derrotados. Nessa contra-ofensiva Grigotá teria matado 500 e aprisionado 200 inimigos que, por intermédio de um embaixador, foram enviados à Cuzco. A etimologia de *chiriguanas* seria decorrência do desfecho desse episódio, ou melhor, da punição que o Inca aplicou aos prisioneiros Guarani:

[...] fueron puestos por su mandado desnudos en los extremos mas altos de vnos çerros neuados atados de pies y manos y alli con guarda que les puso quedaron vna noche donde amanecieron muertos [...]. Sauido por el Ynga como eran muerttos leuantandose de su asiento

⁸ “El Gaan-zapainga, que significa «solo Señor», les puso este nombre a los Guaraníes, diciendo que a gente que venia desnuda de donde nace el sol, que es tierra caliente, hacia aquellas partes y cordilleras, que es tierra fría, el frío, que es chiri, les escarmentaría, que es guana, de donde vino Chiriguana, como que diciendo: dejadlos, que el frío les escarmentará” (N. del A.) (BARCO CENTENERA, [1602], 2002).

muy contento dixo en voz alta halla, halla chiripiguanachini que quiere decir assi assi que **les he dado escarmiento en el frio, que chiri es el frio en su lengua y guana el escarmiento de donde se les quedó hasta oy el nombre de chiriguana** [grifo nosso] (AGI Charcas 21, r.1, N.11, bloque 7, f.22).

O caráter meio fantasioso e insólito (em termos empíricos) dessas duas narrativas abriga elementos históricos importantes. Não se trata de confirmar ou negar a veracidade de tais fatos, e sim, de perceber a intensidade da pressão que os migrantes guarani falantes exerceram sobre as fronteiras orientais do Império. Mais de cem anos após a ocorrência das supostas peripécias, não obstante o impacto da conquista espanhola, o ímpeto violento desses confrontos passou a ecoar nos sentidos atribuídos ao etnônimo.

No século XIX e XX, diversos pesquisadores, sobretudo antropólogos e historiadores, se debruçaram novamente sobre os significados inerentes e ocultos no etnônimo Chiriguana (e suas variantes). Cabe adiantar que algumas hipóteses aventadas parecem tão insólitas quanto aquelas propostas pelo poeta Barco Centenera. Ainda assim, nas análises e ponderações que arroladas a seguir percebe-se a disposição de historiadores e antropólogos em conjecturar proposições plausíveis.

Em relação ao viés quíchua alguns autores entendem que o nome atribuído aos Guarani da cordilheira signifique “esterco frio”: Chiri [frio] guano [esterco] (OBERMEIER, 2006, p. 319). Etimologicamente essa composição pode até ser “correta”. Todavia, do ponto de vista da documentação do século XVI ela se mostra inconsistente uma vez que nem os cronistas andinos e, tampouco a documentação administrativa, grafaram [chiri]guano mas si [chiri]huanaes, [chiri]guanás, etc. Ou seja, nas fontes mais antigas esse nome sempre termina em *a(s)* ou *a(es)*⁹. Nesse sentido,

⁹ Garcilaso de la Vega, que tinha o quíchua como língua mãe, grafava *Chiribuana*. Ao explicar o nome de um rio Runahuanac, Garcilaso explica que *Runa* quer dizer gente, e *buanae* é o verbo castigar e o *e* final indica o tempo participio do presente. Portanto o étimo do rio corresponde com o do etnônimo (GARCILASO DE LA VEJA, 1991, p. 389).

Chiriguano(s) é uma denominação ainda mais depreciativa que se tornou usual apenas no século XVIII e, além do mais, não se apóia num enredo histórico-literário, como as duas versões anteriores. Ainda assim, vale registrar, foi precisamente essa grafia e interpretação que se tornou uma das mais recorrentes.

Enrique de Gandía, um dos mais profícuos historiadores argentinos do século XX, avaliou e considerou plausíveis três interpretações distintas. A primeira delas é a mais controvertida: “Chiri (frío en quechua), gua, guara (patria o lugar que habita, en guaraní), y ana (pariente, en guaraní). El vocablo habría sido creado por los guaraní y significaría ‘nuestros parientes de la región fría’” (GANDÍA, 1935, p. 5.). Nesse caso parece que os autores Fulgencio R. Moreno e Gandía (que considera aceitável essa explicação) cometem a mesma falácia que Barco Centenera que, ao explicar a palavra Caribe, parte de um étimo proveniente do latim, e outro do guarani. No presente caso, Moreno e Gandía tomam um morfema do quíchua e outros dois do guarani. A pergunta é: Porque os Guarani do Paraguai quinhentista empregariam a palavra chiri ao invés de *roĩ* (= frio em guaraní)? Nota-se que essa sugestão baseia-se tão somente num jogo imaginativo, pois, as fontes rio-platenses não registraram a palavra chiriguana antes do encontro com a frente andina.

Gandía também considera admissível a versão de Pedro de Ángelis. No verbete Chiriguanos, De Ángelis concede a seguinte explicação: “El clima es frígido en las montañas, de donde le vendrá tal vez el nombre de *Chiriguanos*, que en la lengua quechua, quiere decir hombres que tienen frío. (*Chiriguan*, tengo frío)” (DE ANGELIS, 1836, p. XXI). Todavia, para Gandía a versão mais razoável é “gente suja” apresentada por Eric Von Rosen que, em 1901-1902, participou da expedição sueca *Chaco-Cordillera*. A teoria de Von Rosen é que: o nome Chiriguano significa “povo sujo”, apodo atribuído pelos incas

vaidosos, que desprezava o povo Chiriguano, representando-o como bárbaros¹⁰. Gandía comenta que os chiriguano eram um povo extremamente limpo (higiénico) e que o objetivo dos incas era mesmo causar ressentimentos.

Em *Chiriguana: nacimiento de una identidad mestiza*, Combès e Saignes (1995) fizeram um levantamento histórico e lingüístico acurado das fontes coloniais e também das proposições científicas de distintos pesquisadores (Nordenskiöld, Métraux, Gandía e Susnik). Ao longo de toda obra a perspectiva que perpassa a análise das fontes é a questão da mestiçagem guarani – chané (arawak) como fundamento de uma nova identidade. Apoiando-se mais nos idiomas guarani Combès e Saignes vão além das interpretações tradicionais, que pressupõe que as raízes de *Chiriguana* são exclusivamente quíchuas, e identificam indícios da mestiçagem no próprio termo.

Com base num documento de 1586, em que o governador de Santa Cruz de la Sierra afirmava: “También les llaman *Chiriguanaes*, corrompido el vocablo, *el* cual se diriva de *Chiriones*, que quiere decir “mestizos, hijos dellos e de indias de otras naciones” (SUÁREZ DE FIGUEROA, [1586] 1965, t. 1, p. 404). Combès e Saignes sugeriram uma interpretação alternativa que atendia à tese central de uma “identidade mestiça”. Perceberam que outros autores quinhentistas (CALVETTE DE ESTRELLA, 1557; PEDRO DE SEGURA, 1584) registraram uma etnia denominada Chiriones e a situaram proximamente aos Chiriguana. Além do mais, evocaram que na Amazônia boliviana existe, ainda hoje, um grupo linguisticamente filiado ao guarani denominado Sirionó. Chiriono e Sirionó seriam, pois sinônimos considerando que na língua dos próprios Sirionó, “Ch” corresponde a “S”. O significado de “chiri” ou “siri” na língua guarani-sirionó corresponderia a expatriar-se.

¹⁰ "The name of Chiriguano (quechua), which means 'dirt people', was given them by the vainglorious Incas, who despised the Chiriguano people, affecting to look upon them as barbarians. (Count Eric Von Rosen. Ethnographical Research work during the swedish chaco-cordillera expedition, 1901—1902. Stockholm)." Gandía, 1935: 5

O raciocínio que os autores propõem é que as expedições guarani rumo à cordilheira eram predominantemente masculinas e, no decorrer da jornada, os guerreiros contraíam mulheres dos grupos vencidos que, por sua vez, procriavam filhos mestiços. Portanto, os expatriados eram também mestiços, “y los sirionó son también unos ‘mestizos’” (COMBÈS; SAIGNES, 1995, p. 88). A proximidade entre siri e chiri é corroborada por uma carta em que o P. Martinez de 1601 que escreve Chiriguana como Siriguana (COMBÈS; SAIGNES, 1995, p. 88).

Para explicar a terminação *guana*, Combès e Saignes perguntam: “¿con quién se han mestizado los guarani migrantes?” Embora diversos grupos tenham sido atingidos pela expansão guarani, as fontes históricas indicam que as mulheres Chané, obtidas em guerras de conquista, se tornavam as parceiras por excelência. Os Chané são da família linguística Arawak assim como os Guana. A possibilidade de o “guana” de chiriguana ser uma referência aos chané já havia sido aventada por Susnik (1968). A conclusão que sucede é que chiriguana seria uma alusão aos filhos de pais guarani e mães guana. Em outras palavras, os que se expatriaram e se mestiçaram com *Guana*.

Essa versão foi muito bem recebida pelo antropólogo Xavier Albó na medida em que substituíu as conotações depreciativas por uma explicação mais apropriada à trajetória histórica dos Chiriguana. A expectativa de Albó era que as comunidades guarani falantes da atual Bolívia assumissem novamente esse etnônimo sem prejuízo para a auto-estima (ALBÓ, 1990, p. 12). Todavia, num recente artigo Combès, desta vez em parceria com Villar (COMBÈS; VILLAR, 2007, p. 43-44), voltou a se pronunciar sobre essa interpretação. Nesse artigo os autores revelam que essa interpretação teve a intenção de se contrapor às conotações pejorativas de origem colonial com as quais os grupos remanescentes nunca se identificaram e que, todavia, continuam sendo difundidas na Bolívia e na Argentina. Porém, não garantem a viabilidade dessa

hipótese. Um dos motivos da desconfiança é que os Guana somente “ingressaram” nas fontes históricas platinas no século XVIII.

No *Diccionario Ético* – obra de grande originalidade e praticidade para a etno-história do Gran Chaco – Combès afirma claramente que, toda etimologia que remete ao “quechua tiene más probabilidades de ser acertadas” (COMBÈS, 2010, p. 131). Ou seja, passados mais de vinte anos em relação à primeira edição francesa (em parceria com Saignes) Isabelle Combès abandonou a proposição etimológica que se mostrava a mais “correta”, politicamente falando. Chiriguana seria, muito provavelmente, um termo pejorativo atribuído pelos Incas, ou por outros grupos andinos, a esses guarani falantes que tensionavam as fronteiras do grande império andino.

Finalmente, duas possibilidades que, todavia, se articulam merecem ser aventadas, ainda que em caráter especulativo. As crônicas coloniais que registraram histórias épicas da tradição oral inca destacam duas etnias bem distantes, uma da outra, que infligiam enormes reveses às tropas do império andino e fustigavam seus avassalados circunvizinhos. Os *Chiriguanas*, ao oriente, e os *Araucanos* (Mapuche), ao sul do Chile, foram abordados por Nathan Wachtel (1997, p. 232-235) no que concerne aos enfrentamentos com os incas e, logo em seguida, os espanhóis.

Esse cenário, do poderoso império inca a despendar grandes esforços para guarnecer as fronteiras dos “bárbaros selvagens” foi evidenciado pelo Pe. Barnabé Cobo ao discorrer sobre os serviços prestados ao império, pelos súditos do Inca, com destaque às tarefas militares:

En primer lugar, se proveían las cosas de la guerra, y era grande el número de hombres que continuamente andaban en ella, así en los ejércitos que se formaban y rehacían, como en las guarniciones y presidios que había en las cabeceras de provincias y en las fronteras de los enemigos; y en las conquistas ordinarias, guazáuaras que tenían los Incas con muchas naciones confinantes á su imperio, como con los indios Pacamoros, Popayanes y otras naciones fronterizas de la provincia de Quito; y por la parte del Sur y de las provincias de

los Charcas con los indios **Chiriguanas, Araucanos de Chile, gentes bárbaras y muy belicosas** [grifo nosso] (COBO, [1653], 1892, p. 270).

Essa passagem ilustra que, em termos adjetivos, uns e outros tinham o mesmo status. Recuando a 1535-1545 percebe-se uma (com)fusão histórico-geográfica ou, então, uma proximidade semântica entre Chile e Chiriguanas. Quase todos os documentos que apontam para uma simultaneidade entre esses dois âmbitos geográficos resultaram da expedição que Diego de Almagro comandou ao Chile, a partir de Cusco, em 1535. Dois notáveis cronistas quinhentistas, e diversos testemunhas que figuram num processo sobre as disputas entre Diego de Almagro e Francisco Pizarro falam de Chile e Chiriguana como se fossem uma mesma região. Uma das testemunhas arroladas disse que Almagro era um bom servidor de S. M, pois era zeloso no trabalho de acrescentar: “tierras é señorios, por queste testigo le vio trabajar en ello mucho, especialmente en el descubrimiento de **Chile ó Chiriguana** y en la conquista de toda la tierra del Perú” (MEDINA, [1518-1818], t.6, p. 225-226). Outra testemunha diz saber que Vasco de Guevara foi com “el adelantado don Diego de Almagro á la provincia de **Chiriguana ó Chile**, porque le vio venir al tiempo que el dicho Adelantado vino á esta ciudad con él” (MEDINA, [1518-1818], t.6, p. 270). Diversas *probanças* da *Colección de documentos inéditos para la historia de Chile* sobre a expedição de Almagro, seu retorno e conflito com os Pizarros denotam que, na primeira metade do século XVI, Chiriguana e Chile eram sinônimos para os conquistadores andinos.

Os cronistas da época também tiveram esse entendimento. Para compor sua obra, Cieza de León (que de acordo com F. Pease é um dos mais precoces e célebres historiadores do Peru pré-colonial e colonial), arrolou fontes orais, documentos oficiais, participou *in loco* das campanhas militares para subjugar os pizarristas rebeldes à coroa e viajou por diversas províncias peruanas – inclusive Charcas, vizinha aos Chiriguanas. A citação a seguir, além

ilustrar como Cieza de León manteve essa imbricação – *Chile* e *Chiriguana* – traz importantes aportes sobre a perspicácia dos incas que, para se livrarem dos espanhóis, convencem-nos a buscarem regiões distantes e ásperas onde, segundo os mesmos: “había tanto oro y plata que tenían las casas chapadas de ello [...] (CIEZA DE LEÓN, 1984. p. 337).

A todo esto tengo que decir, que como los indios naturales vieses la gran potencia de los españoles, y por experiencia sabían irles mal en tomar armas, hostigados por los muchos que habían muerto en las guerras pasadas, habían asentado y tratado paz; pero con mezcla de fingimiento y con deseo de verlos divididos y de tal manera que pudiesen vengarse de tantos daños como habían recibido. Y teniendo este intento y conociendo su gran codicia y demasiada avaricia, publicaron grandes cosas de lo de **Chiriguana**, afirmando haber tanto oro y plata, que no era nada lo del Cuzco para compararlo con ello. Los españoles creíanlo y pensaban henchir las manos en aquella tierra (CIEZA DE LEÓN, 1984, p. 335-336).

Diante destas notícias Almagro organizou uma expedição e se dirigiu ao Chile, donde retornou com imensas perdas humanas e materiais. A conjunção Chiriguana/Chile, ocorre seis vezes na terceira parte da obra de Cieza de León, sempre relacionada à expedição de Almagro. A(s) hipótese(s) que intencionamos expor é que para o próprio Manco Inca – que, segundo Cieza de León, teria incentivado a expedição de Almagro para livrar-se dele e recuperar seu poder imperial – esses dois âmbitos geo-etnográficos podiam significar um só e, nesse contexto, representavam uma forma de abater os espanhóis enviando-os para terras distantes e perigosas. Ou seja, essa coincidência sugere que ao tempo da conquista espanhola dos incas, *Chiriguana* se referia a uma realidade etnográfica e espacial bem mais ampla que a cordilheira chiriguana.

A depender da versão de Gonzálo de Oviedo, pelo menos parcialmente, os incas que incitaram essa expedição alcançaram seus objetivos. Vale destacar que a representação desse cronista acerca dos indígenas que Almagro encontrou coincide com a de Poma de Ayala e Garcilaso de la Vega

(LANGER, 2010, p. 5-22) sobre os guarani falantes da cordilheira. Uns e outros eram selvagens, pobres e semelhantes a feras: essa é a alegação mais recorrente para o fracasso das expedições, tanto incaicas pré-hispânicas, quanto espanholas.

É assi se confirmaron é lo juraron, é passó adelante Almagro (con relación que tuvieron de muy buena tierra) la vuelta de Chile é de Chiriguana, conforme á los conçiertos dados entre ambos compañeros, jurados é assentados; é fué quinientas leguas ó más adelante del Cuzco, donde él é la gente hiçieron la exçesiva penitencia que se dirá en el libro siguiente, **é halló con una tierra frigidíssima, donde ni les faltó sed ni hambre ni otros trabaxos nunca antes oydos á chripstianos; é la gente que toparon pobre é salvage, vestida de cueros, é las moradas debaxo de tierra, como osos,** [grifo nosso] sin saber qué cosa es oro ni plata, ni averlo menester (FERNANDEZ DE OVIEDO Y VALDÉS, tomo IV, Cap XXI, 1855, p. 243).

A passagem grifada, além de situar os araucanos no mesmo âmbito ontológico dos chiriguanas, enseja outra aproximação. Em sua expedição ao Chile, Almagro encontrou uma terra *frigidíssima* na qual padeceu toda sorte de “castigo”. Em outras palavras, Almagro foi castigado pelo frio numa terra em que só havia bárbaros. A Cordilheira Chiriguana e o Chile tinham em comum esses atributos. Isso não significa uma identidade climatológica de fato: os guarani da cordilheira teriam sido castigados pelo frio de acordo com a crônica de Alcaya. Agora, na expedição de Almagro ao Chile, o frio castigou os espanhóis da frente andina que, em vez de riqueza e civilizações, só encontraram bárbaros que viviam como animais.

Outro documento interessante acerca desse tema é uma *probanza de méritos* em que Diego de Encinas presta conta de uma extensa lista de façanhas de conquista e “pacificação”. Ao contrário dos documentos anteriores, *Cherigoanaes* se refere explicitamente a indígenas, e não a uma região ou província. Entre as diversas façanhas arroladas, uma delas foi acompanhar Almagro ao Chile e, no caminho, a partir de Topiza [Tupiza, na atual Bolívia], castigar certos índios *Cherigoanaes* que haviam atacado cinco

espanhóis em Jujui, três dos quais pereceram. Estes haviam se afastado do grupo de Almagro que, assim que soube do ocorrido, enviou uma tropa para castigá-los.

Diego de Encinas [...] en compañía del adelantado don Diego de Almagro, al descubrimiento de las provincias de Chile, y en la dicha jornada sirvió en todo lo que se ofreció, é fué con el capitán Juan de Saavedra á conquistar las provincias del Collao é Charcas é Chichas y sus comarcas hasta llegar a Topiza; y estando allí mandó el dicho don Diego de Almagro al capitán Rodrigo de Salcedo, que fuese con gente de á caballo á hacer guerra y castigo de **ciertos indios cherigoanaes** [grifo nosso] que se habían hecho fuertes en el pueblo de Jujuy é muerto ciertos españoles, en lo cual sirvió con sus armas é caballos los pacificaron (MEDINA, [1518-1818], t.7, 1895, p. 208).

Em relação a essas ocorrências cabe indagar: quem, dos integrantes da expedição ao Chile, teria condições de identificar, como *cherigoanaes*, os indígenas que atentaram contra esses espanhóis. Os únicos capazes de reconhecê-los seriam os próprios incas que, em considerável número, acompanharam a referida expedição, já que os espanhóis ainda não haviam percorrido e tampouco se estabelecido naquelas terras. Por esse motivo é razoável supor que os incas tenham chamado de *chiriguana* a qualquer grupo que, na avaliação “incacêntrica” fosse tão bárbaro/selvagem e agressivo quanto aqueles da cordilheira chiriguana.

A presença ou não de guarani falantes na derrota de Almagro rumo ao Chile foi analisada, recentemente, por Federico Bossert que fez um exaustivo levantamento das fontes e argumentos em torno dessa questão. Seu parecer é de que não existe qualquer documento fidedigno que prove que em Salta e Jujuy – onde supostamente ocorreram os confrontos com os *cherigoanaes* – tenha havido assentamentos de guarani falantes no século XVI (BOSSERT, 2008, p. 175).

A associação entre Chile e Chiriguanas induziu outros “tropeços cronísticos”. Partindo de informes sobre a travessia do Gran Chaco, pela expedição de Irala, que alcançou os Guarani da *Cordilheira Chiriguana*, Gonzalo

de Oviedo deduziu que Irala havia alcançado o Chile: “Y en este tiempo postrero del año que digo, [1547] han venido nuevas que la gente que quedó con el dicho Domingo de **Irala** en tierra, han descubierto tanto que han llegado hasta la provincia de **Chile**, que es **de la otra parte del Perú**, y en sus confines dícenme” (FERNANDEZ DE OVIEDO, Tomo 1º da 2ª Parte, 1852, Libro XXXIII, p. 208.). Diante das fontes arroladas, não restam dúvidas que o cronista Oviedo também partia do pressuposto de que Chile e Chiriguana era um mesmo âmbito geográfico, etnográfico e semântico.

Um último indício de que entre Chile e Chiriguana havia alguma estranha concordância é o memorial de Jayme Rasquín, datado em 1557. Esse documento é o primeiro, de origem rioplatense, a se referir aos guarani falantes da cordilheira com um etnônimo de filiação andina. Isso não seria um dado importante se esse novo nome não tivesse uma pequena corruptela que pode ser algo mais que um simples acaso. Ao descrever as províncias do Paraguai e Peru, Rasquín diz que: “y enmedio de destas dos províncias [Las Charcas e Pothosy] estan unos yndios que **en la prouinçia del Peru los llaman chiliguanas** y en nuestra prouinçia los llaman guaranis” (RASQUÍN, [1557] 2008, p. 43).

O que a princípio parece um lapso casual, uma simples troca fonética, pode ser um sintoma de que em 1557, quando o povoamento colonial do entorno da cordilheira chiriguana mal havia iniciado, para algumas pessoas ou instâncias político-administrativas do Peru, Chile e Chiriguana significava uma mesma realidade.

Conclusão

Para pôr termo às questões aqui arrolados cabem algumas considerações. Uma delas diz respeito aos autores, que propuseram explicações para o significado dos nomes, e ao lugar donde falavam. Os cronistas do Rio da

Prata quinhentista, que efetivamente atuaram entre diversas etnias guarani falantes, na primeira metade do século XVI, não se pronunciaram sobre os significados dos nomes. A começar pela carta de Luíz Ramirez – o primeiro documento a registrar o nome *guarenies* e a elaborar uma descrição etnológica sumária desse grupo – passando pelas crônicas de Schmidel e Cabeza de Vaca – as mais célebres narrativas da era da conquista do Rio da Prata – e pelas cartas-relatórios de Irala, em nenhum desses autores há um discurso especulativo em torno dos conteúdos etimológicos dos nomes.

Por outro lado, todas essas fontes fazem alusão a traços étnicos relacionados à belicosidade – guerra, antropofagia – dos Guarani, em geral, face às demais etnias. Esse perfil agressivo, porém, não obistou certa cumplicidade, em termos de ações militares/expansionistas e de uniões carnavais/conjugais conhecidas como aliança hispano-guarani. Posteriormente, a partir de 1570, quando tanto no Paraguai quanto na *Cordillera Chiriguana* eclodiram graves rebeliões anticoloniais, geralmente, lideradas por xamãs¹¹, governantes e escritores passaram a associar tais características aos etnônimos, como se estas fossem inerentes aos étnimos. De modo que, as associações semântico-lingüísticas que relacionam diretamente os nomes a uma índole guerreira e cruel tornaram-se corriqueiras, nas fontes coloniais, apenas na segunda metade do século XVI. Lorenzo Suares de Figueroa, por exemplo, foi governador de Santa Cruz de la Sierra, na década de 1580 quando as tensões, entre colonos e guarani falantes do Paraguai e da Cordillera, eram culminantes. É dele a explicação sumária que define todos os nomes correntes e seus significados.¹²

¹¹ Entre as referências historiográficas para o estudo dos levantes guarani contra instituições coloniais no Paraguai e na *Cordillera Chiriguana* vale destacar: Rípodas Ardanaz (1987); Necker 1990; e Melià (1993).

¹² “El propio nombre de esta generación es **Cario**, de donde se deriva el nombre que tienen, **Caribes**, que quiere decir ‘comedores de carne humana’. Llámense también **Guaranís** y **Guarayus**, que quiere decir ‘gente de guerra’. También les llaman **Chiriguanaes**, corrompido el vocablo, el cual se deriva de *Chiriones*, que quiere decir ‘mestizos, hijos dellos e de indias de otras naciones’ (SUÁREZ DE FIGUEROA, [1586], 1965, t. 1, p. 404).

Martín del Barco Centenera chegou ao Paraguai em 1573 e, por dois anos, atuou como capelão de tropas que partiam para novas conquistas. Em seguida estabeleceu-se em Chuquisaca e Cochabamba, contíguo aos *chiriguanaes*, que no ano de 1574 desbarataram a expedição militar do vice-rei Francisco de Toledo. Seu poema, publicado em 1602, imputa aos Guarani, em geral, todos os adjetivos que comumente os conquistadores aplicam aos indígenas que desafiam a força e os métodos coloniais. Para esse poeta os povos Guarani não representam qualquer contribuição positiva à formação da “Argentina”, pelo contrário, são os bárbaros sanguinários a serem subjugados pelas nobres armas da Espanha. Portanto, os significados que Barco Centenera “apreendeu”, (re)produziu e atribuiu aos *Guarani, Cario e Chiriguana* refletem a perspectiva de um conquistador da segunda geração que se deparou com insurreições guaraníticas que estremeceram as instituições coloniais tanto no Paraguai quanto na *Cordillera*.

Diante dos dados que arrolamos referentes ao termo *Chiriguana* (e variantes) parece apropriado estabelecer sua origem semântico-etimológica na civilização inca¹³ do altiplano que, ao oriente, se confrontava com os “bárbaros” das terras baixas que permeavam e pressionavam as fronteiras geo-culturais do Tahuantinsuyu. O poema de Barco Centenera e o relato de Diego Felipe de Alcaya, ainda que variem quanto ao conteúdo, apontam para uma etimologia quíchua em que o frio representa um castigo àqueles “bárbaros”. Do mesmo modo, a documentação referente à expedição de Almagro ao *Chile ó Chiriguana* apresenta claros indícios de que tenha sido impregnada pelo imaginário etno-toponímico da nobreza incaica. De acordo com esse imaginário o Chile era uma província inóspita, povoada por selvagens bárbaros carentes de roupa, comida e

¹³ A única hipótese que se afastava desse viés interpretativo – que propugnava que *Chiriguano* derivava do guarani onde *chiri* [siri] significaria expatriados e *Guana* seria uma alusão às mulheres Chané / Arawak contraídas pelos guarani no processo de expansão e guaranização da *Cordillera* – foi revista e abandonada por uma das autoras que a havia proposto. Ver: (COMBÈS; VILLAR, 2007, p. 43-44).

que residiam em tocas, tal como os ursos. Portanto, os guarani falantes da *Cordillera* não foram os únicos, e tampouco os primeiros, grupos a serem documentados sob o etnônimo Chiriguana; o Chile também era Chiriguana.

Para além dessa documentação, um conjunto de crônicas quinhentistas e seiscentistas também não designa, com o termo Chiriguana, um grupo etno-linguístico específico. Para Garcilaso de la Vega, Poma de Ayala e José de Acosta, Chiriguana é um termo genérico atribuído a grupos indígenas insubmissos, incontestavelmente bárbaros, agressivos e de costumes torpes. Nessa acepção, Chiriguana é praticamente um sinônimo de *Antis* (habitantes de Antisuyu, o quadrante oriental/amazônico do Império Inca) *Chunchos*, *Caribes* e outros substantivos que evocavam adjetivos desprezíveis do ponto de vista civilizacional inca/europeu.

Para finalizar convém destacar diferenças e semelhanças entre as fontes coloniais e os historiadores que se ocuparam com os significados dos etnônimos. Nas fontes coloniais, produzidas por personagens direta ou indiretamente envolvidos na conquista e civilização os significados são anunciados categoricamente, como se fossem evidentes. Os nomes próprios são tomados como portadores de sentidos precisos, preexistentes. Nesse sentido, o discurso colonial não busca se aproximar e desvendar os significados. Os nomes “revelam o que já é conhecido e está pronto para ser comunicado” (BARBOSA, 2000, p. 51).

Já os historiadores analisados são mais propositivos na medida em que empreendem uma busca pelo sentido a partir do âmbito das reflexões e preocupações do momento histórico em que se encontram. Nesse movimento, ponderam antigas acepções contaminadas por premissas e tensões coloniais e sugerem novos significados, geralmente, “politicamente” mais corretos. Esse posicionamento pode ser vislumbrado em momentos históricos bem distintos na postura de Pedro De Angelis, Enrique de Gandía e Xavier Albó.

Todas essas considerações em torno dos etnônimos denotam que o interesse pelos conteúdos subjacentes aos nomes foi, e continua sendo, um exercício intelectual notável. Acompanhar o contexto, a trajetória e a perspectiva dos agentes e escritores coloniais que enunciaram significados aos nomes, assim como, analisar dados linguísticos e etnológicos cruzando-os com fontes históricas, é uma prática envolvente, adequada ao historiador e os resultados podem se revelar ricos em historicidade. Por outro lado, assentimos com o parecer de Julien quando assevera que categorias como *Chiriguana* – e outras, por certo, como *Guaranis*, *Caribes*, *Antis*, *Chunchos* – não podem ser tomadas como “referência histórica específica” (JULIEN, 1997, p. 57) e, por essa razão, não servem de fundamento para uma perspectiva etno-histórica sobre os povos indígenas que supostamente nomeiam.

Referências

- ACOSTA, José de. *De Procuranda Indorum Salute* (Predicación del evangelio en las indias). *Estudio preliminar y edición del P. Francisco Mateos*. Madrid: Atlas, 1954 [1577].
- AGI Charcas 21, r.1, N.11, bloque 7, f.22. *Relación del padre Diego Felipe de Alcaya*, 1638.
- ALBÓ, Xavier. *Los Guaraní-Chiriguano. La comunidad hoy*. La Paz: CIPCA, 1990.
- ALCAYA, Diego Felipe. Relación cierta que el padre Diego Felipe de Alcaya, cura de Mataka. In: *Cronistas cruceños del Alto Perú Virreinal*. Santa Cruz: UAGRM, 1961 [1607].
- BARBOSA, Carlos Alberto. Ética e linguagem a partir de alguns fragmentos de Theodor W. Adorno. *EccoS Rev. Cient.*, São Paulo, v. 2, n.1, 2000.
- BARCO CENTENERA, Martín del. *La Argentina: poema histórico*. Edición digital: Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2002. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com>
- BERNAND, Carmem; GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo: da Descoberta à Conquista, uma Experiência Européia (1492-1550)*. 2a ed. São Paulo: Edusp, 2001.

BOSSERT, Federico. Los chiriguano y el Tucumán colonial: una vieja polémica. *Revista Andina*, n. 47, p. 151-184, 2008.

CHICANGANA-BAYONA, Yobenj Aucardo. Canibais do Brasil: os açougues de Fries, Holbein e Münster (século XVI). *Tempo*. Niterói, v. 14, n. 28, p. 165-192, 2010.

CIEZA DE LEÓN, Pedro de. *La crónica del Perú; Las guerras civiles peruanas*. Edição crítica e documentos adicionais por Carmelo Saenz de Santa María. Madrid: Instituto Gonzalo Fernández de Oviedo, 1984.

CLASTRES, Pierre. *Arqueologia da Violência*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

COBO, Bernabé. *Historia del Nuevo Mundo*. Publicada por Marcos Jiménez de la Espada. Sevilla: Sociedad de Bibliófilos Andaluces, 1892 [1653].

COMBÈS, I.; SAINES, Thierry. Chiriguana: nacimiento de una identidad mestiza. In: RIESTER, J (Org.). *Chiriguano*. Santa Cruz: APCOB. 1995.

COMBÈS, Isabelle. *Diccionario etnico. Santa Cruz la vieja y su entorno en el siglo XVI*. Cochabamba: Instituto de Misionología; Editorial Itinerarios; Misiones Franciscanas Conventuales – MFC, 2010. Colección Scripta Autochtona. No. 4.

COMBÈS, Isabelle; VILLAR, Diego. Os mestiços mais puros: Representações chiriguano e chané da mestiçagem. *Mana* [online]. Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, 2007.

DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la Historia Antigua y Moderna de las provincias del Rio de la Plata*. (Ilustrados con notas y disertaciones por Pedro de Angelis). Tomo Primero. Buenos Aires. Imprenta del Estado, 1836.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HUAISS da Língua Portuguesa. *Canibal* [verbetes]. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

ELLIOTT, J. H. A conquista espanhola e a colonização da América. In: BETHELL, Leslie (Org.). *América Latina Colonial*. São Paulo: Edusp, 1998, v. 1, p.135-194.

FERNANDES, Florestan. *A função social da guerra na sociedade tupinambá*. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1970.

FERNANDEZ DE OVIEDO Y VALDÉS, Gonzalo. *Historia general y natural de las Indias, islas y Tierra-Firme del mar océano*. Primeira Parte. Edit. D. Jose Amador de los Rios. Madrid: Real Academia de la Historia, 1855 [1535].

FERNANDEZ DE OVIEDO Y VALDÉS, Gonzalo. *Historia general y natural de las Indias, islas y Tierra-Firme del mar oceano*. Segunda Parte, Tomo I. Edit. D. Jose Amador de los Rios. Madrid: Real Academia de la Historia, 1852. Disponível em: <http://books.google.com.br/>

FERNANDEZ DE OVIEDO Y VALDÉS, Gonzalo. *Historia general y natural de las Indias, islas y Tierra-Firme del mar océano*. Tercera Parte, tomo IV. Edit. D. Jose Amador de los Rios. Madrid: Real Academia de la Historia, 1855.

GANDÍA, Enrique de. *Historia de Santa Cruz de la Sierra: una nueva republica en Sua América*. Buenos aires: Talleres Gráficos Argentinos de L. J. Rosso, 1935. Disponível em: http://www.nacioncamba.net/repositorio/enrique_de_gandia.pdf

GARCILASO DE LA VEGA, Inca. *Comentarios reales de los Incas e historia general del Perú*. Edição, prólogo, índice analítico e glossário Carlos Aranibar. Lima: FCE, 1991.

IRALA. Carta de Domingo Martines de Irala al Consejo de Indias [1555]. In: SCHMÍDEL, Ulrich. *Viaje al Río de la Plata*. Notas biblio y biográficas por Bartolomé Mitre. Prólogo, traducción y anotaciones por Samuel A. Lafone Quevedo. Buenos Aires: Cabaut y Cía. Editores, 1903 [1567]. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/>

JULIEN, Catherine. Colonial perspectives on the chiriguana (1528-1574). In: CIPOLETTI, María Susana (Ed.). *Resistencia y adaptación nativas en las tierras bajas latinoamericanas*. Quito: Abya-Yala, 1997.

JULIEN, Catherine. *Desde el Oriente. Documentos para la historia del Oriente boliviano y Santa Cruz la Vieja (1542-1597)*. Santa Cruz: Fondo Editorial Municipal, 2008.

LANGER, Protasio Paulo. Piores que bestas feras: Garcilaso de la Vega e o imaginário hispano-inca sobre os Guarani Chiriguano. *Topoi*. Rio de Janeiro, v. 11, 2010.

LIZARAZU, Juan de. Consultas hechas a S. M. por don Juan de Lizarazu, Presidente de Charcas, sobre su entrada a los Moxos o Toros. In: MAURTÚA, V. (Ed.). *Juicio de límites entre el Perú y Bolivia*, t. 9. Madrid: imp. de los hijos de G. Hernández, 1906 [1636-1638].

LÓPEZ DE VELASCO, Juan. *Descripción general hecha por Juan López de Velasco sobre las Indias, límites, hidrografía e islas*. Madrid: Ed. Madrid, 1894 [1574].

MEDINA, José Toribio. *Colección de documentos inéditos para la historia de Chile: desde el viaje de Magallanes hasta la batalla de Maipo: 1518-1818*. T. 7. Santiago: Imprenta Ercilla, 1888-1902.

MELIÀ, Bartomeu. *El Guarani Conquistado y Reducido: Ensayos de Etnohistória*. 3. ed. Asunción: Ceaduc, 1993.

MELIÀ, Bartomeu. *Mensagem pessoal por correio eletrônico* - enviado: quarta-feira, 1 de dezembro de 2010, 10h48min.

MOCQUET, Jean. *Voyages en Afrique, Asie, Indies Orientales e Occidentales*. Paris: Jean de Hievquevieu, 1617. Disponível em: <http://books.google.com/>

MONTOYA, Antonio Ruiz de. *Vocabulario de la lengua guaraní*. Transcripción y transliteración por Antonio Caballos. Introducción por Bartomeu Melià. Asunción: Cepag, 2002 [1640].

NECKER, Louis. *Indios Guaraníes y chamanes franciscanos: las primeras reducciones del Paraguay (1580-1800)*. Asunción: Centro de Estudios Antropológicos/Universidad Católica, 1990.

NOELLI, Francisco da Silva. Os indígenas do Brasil Meridional. In: MELLO, Amílcar D'Ávila de (Org.). *Expedições: Santa Catarina na era dos descobrimentos geográficos*, v. 1. Florianópolis: Expressão, 2005.

OBERMEIER, Franz. As relações entre o Brasil e a região do Rio de La Plata no século XVI nos primeiros documentos sobre Assunção (Asunción) e Santa Catarina. *JbLA*, v. 43, 2006. Disponível em: http://www-gewi.uni-graz.at/jbla/JBLA_Band_43-2006/jbla06_317_342.pdf

ORLANDI, Eni P. *Terra a vista!: discurso do confronto: velho e novo mundo*. São Paulo: Cortez, 1990.

PIFARRÉ, Francisco. *Historia de un pueblo*. La Paz: Ed. CIPCA, 1989.

RAMÍREZ, Luís. *Carta de Luis Ramírez a seu pai desde o Brasil (1528)*. Introdução, edição, transcrição e notas de Juan Francisco Maura. Valência: Departamento de Filologia Hispânica da Universidade de Valencia, 2007. Disponível em: <http://parnaseo.uv.é/Lemir/Textos/Ramirez.pdf>.

RASQUÍN, Jaime. Petición de Jaime de Rasquín. In: JULIEN, Catherine (Org.). *Desde el Oriente. Documentos para la historia del Oriente boliviano y Santa Cruz la Vieja (1542-1597)*. Santa Cruz: Fondo Editorial Municipal, doc. 8, p. 41-44, 2008 [1557].

RÍPODAS ARDANAZ, Daisy. Movimientos shamánicos de liberación entre los Guaraníes (1545-1660). *Apartado de Teología*, v. XXIV, n. 50, 1987.

SCHMÍDEL, Ulrich. *Viaje al Río de la Plata*. Notas biblio y biográficas por Bartolomé Mitre. Prólogo, traducción y anotaciones por Samuel A. Lafone Quevedo. Buenos Aires: Cabaut y Cía. Editores, 1903 [1567]. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/>

SOLETO PERNIA, Alonso. Memoria de lo que han echo mis padres y yo, en busca del Dorado que anssi se llama esta conquista y diçen que es el Paytitti. *A.G.I. Charcas 21, ramo 1, número 2, f.51v*, 1636.

SUÁREZ DE FIGUEROA, Lorenzo. Relación de la ciudad de Santa Cruz de la Sierra. In: JIMÉNEZ DE LA ESPADA, Marco. *Relaciones geográficas de Indias: Relaciones Geográficas del Peru*. Tomo II. Madrid: Biblioteca de autores españoles, 1965 [1586].

SUSNIK, Branislava. *Chiriguanos: Dimensiones etno- sociales*. Asunción: Museo Etnográfico Andres Barbero, 1968.

SUSNIK, Branislava. El Índio *Colonial* de Paraguay: El *Guarani Colonial*. v.1. Asunción: Museo Etnográfico Andres Barbero, 1965.

SUSNIK, Branislava. *El rol de los indígenas en la formación y en la vivencia del Paraguay*, II. Assunción: Ceaduc, 1983.

TEMPLE, D. *El don, la venganza y otras formas de economía Guaraní*. Asunción: Centro de Estudios Paraguayos “Antonio Guasch”, 2004.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. Trad. Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Araweté: Os Deuses Canibais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1986.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Mana* [online]. Rio de Janeiro, v.2, n.2, 1996.

WACHTEL, Nathan. Os índios e a conquista espanhola. In: BETHELL, Leslie (Org.). *História da América Latina: América Latina Colonial*, v. 1. São Paulo: Edusp, 1997 p. 195-240.

